

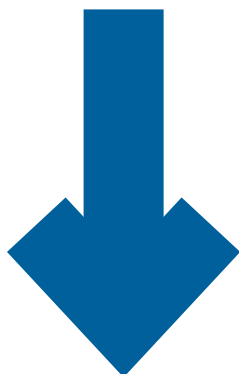
LINGUAGEM INCLUSIVA NA CIÊNCIA VIVA

UM GUIA EM
PROGRESSO

1.

Porquê este guia?

A voz da Ciência Viva, e da rede de centros Ciência Viva, chega a um grande número de pessoas, de diferentes origens e contextos socioculturais, falando de ciência, factos, números, coisas objetivas. Mas a linguagem que usamos não é inerte, tem efeitos:





Influencia a forma como o nosso público vê o mundo, como o interpreta [de resto, é essa a finalidade do uso da língua].

Influencia a forma como o nosso público nos vê, como interpreta o que somos e o que fazemos.

Reproduz, e pode contribuir para reforçar estereótipos – ou, pelo contrário, ignora-os, supera-os.

Pode ignorar, discriminar ou mesmo ofender pessoas com determinadas características – ou pelo contrário, chama pessoas, e pessoas variadas, e fá-las sentir em casa.

O presente guia propõe soluções de uso da linguagem para uma comunicação mais rigorosa, mais justa e mais acolhedora – ou seja, mais inclusiva. Não pretende postular fórmulas ou definir regras de uso da língua obrigatórias, mas antes apresentar formulações que vale a pena conhecer, expressões ou frases a evitar e, sobretudo, princípios a ter em conta. O documento mostra exemplos, para se perceber o que está em causa e despertar sensibilidades para os efeitos da forma como usamos a linguagem, como comunicamos. O resto fica a cargo do vosso bom senso e criatividade.

2.

O que é linguagem

inclusiva

(e não-inclusiva)

**Nem sempre somos inclusivas/os
– e nem reparamos:**

VINHETA 1

“Sabe em que ano o Homem pisou a Lua pela primeira vez? (...) A frase emblemática “Um pequeno passo para o Homem um grande passo para a Humanidade”

(https://www.casacienciabraga.org/single-post/____s)

O uso de “homem” para nos referirmos a todas as pessoas pode desencadear exclusão das mulheres. Neste caso concreto, a frase histórica está mal traduzida, porque na sua versão original se refere àquele homem concreto, Neil Armstrong, e não à humanidade (“A small step for a man, a big step for Humanity”). Será assim mais adequado traduzir por “Um pequeno passo para um homem, um grande passo para a Humanidade.

VINHETA 2



Se queremos atrair especialmente raparigas para as STEM, porquê dirigirmo-nos a “curiosos” e “amadores”? Poderia ser apenas “profissionais da curiosidade”, numa expressão que abrange os dois géneros.

VINHETA 3

“(...) causa expectativa sobre o que será encontrado na primeira rocha analisada que os cientistas baptizaram de Adirondack (...) Em linguagem nativa dos índios o nome é interpretado como significando: ‘Aqueles que vivem nas grandes montanhas’”.

(<https://www.cienciaviva.pt/rede/space/home/sugestao14.asp>)

“Este enxame era usado pelos índios Norte-Americanos como teste de visão, pois quem conseguisse ver 6 ou menos estrelas, claramente não tinha visão apurada para ser caçador. Quem consegue ver 9 ou mais, tem visão acima da média.”

(http://imprensaregional.cienciaviva.pt/conteudos/artigos/?acao=showartigo&id_artigocir=1016)

Quem se sentirá representado por termos tão genéricos e tão equívocos como “índios” (quem diz índios diz “aborígenes”, “africanos”, “asiáticos”, etc.)? Será sempre melhor atribuir características, práticas, línguas, etc. a identidades definidas e aceites pelos próprios – por exemplo, a um dos mais de 500 grupos de nativos norte-americanos, ou a uma nacionalidade africana ou asiática específica.

VINHETA 4

“A exposição principal do Centro Ciência Viva de Lagos, “Do Astrolábio ao GPS”, trata dos Descobrimentos e da Navegação. Afinal, foi de Lagos que partiram muitas caravelas em direção a terras desconhecidas.”

<https://lagos.cienciaviva.pt/202/exposicao-permanente>

Estará certo usar “descobrimentos” e “terras desconhecidas” para falar da chegada de europeus a continentes habitados há milhares de anos? substituir por: “A exposição principal do Centro Ciência Viva de Lagos, “Do Astrolábio ao GPS”, trata das Grandes Viagens Oceânicas e da Navegação. Afinal, foi de Lagos que partiram muitas caravelas em direção a terras desconhecidas até então dos europeus.”

VINHETA 5

“Ciência e desporto para deficientes, no Pavilhão do Conhecimento - Ciência Viva”, dizia-se em Maio de 2005; ou “Centro de Ciência Viva de Proença-a-Nova integra deficientes com projeto inovador”

<https://www.jornaldofundao.pt/castelo-branco/centro-de-ciencia-viva-de-proenca-a-nova-integra-deficientes-com-projeto-inovador/>

Será “deficiente” uma forma adequada de nos referirmos a alguém com características físicas ou mentais diversas? É melhor uma expressão como “pessoa com deficiência”, que não resume a identidade da pessoa em causa a esse aspeto, mas também não esconde características reais, aponta para necessidades específicas, para eventuais enquadramentos legais ou logísticos, etc. Uma designação que começa a ganhar terreno é a referência “pessoas com determinação”. Porque de facto dela necessitam para sobreviver numa sociedade quase nunca inclusiva.

Linguagem inclusiva é uma convenção, para que o uso da língua reflita a preocupação em “deixar menos pessoas de fora”. “Deixa menos pessoas de fora” de quê? Para começar, deixa menos pessoas de fora do próprio ato de comunicação: uma comunicação efetiva – oral, por mail, nas redes sociais, em documentos, em vídeo, em exposições – é aquela que se dirige de forma adequada aos vários públicos-alvo.

É comunicação isenta de termos, expressões, estilos, tons que possam diminuir, insultar ou intimidar alguém por aspetos como género, orientação sexual, pertença a determinado grupo, origem, experiências de vida, características físicas ou psicológicas em geral, posições políticas ou crenças religiosas. E é comunicação que reconhece, respeita e valida essas diferenças, abrindo ao máximo de pessoas a possibilidade de resposta e de diálogo.

Mas a linguagem inclusiva deixa também menos pessoas de fora do processo, da ação, da história a que nos possamos estar a referir. Neste sentido, é até mais rigorosa, pois reconhece o contributo dos variados atores nas suas identidades particulares, nas necessidades e interesses particulares, ou nas várias dimensões – “boas” ou “más” – da história em causa.

Princípios gerais

A linguagem e a sociedade mudam muito mais depressa do que nos apercebemos. Por este motivo, importa ter em conta princípios gerais de inclusão, em vez de fórmulas fixas. E o primeiro destes princípios é: sempre que possível, é melhor consultar ou procurar informação disponível sobre os indivíduos ou grupos a quem nos dirigimos, ou que façam parte das histórias que contamos. Como é que se autoidentificam? Como preferem ser tratados? O que é que consideram ofensivo? Convém sempre partir do princípio que uma pessoa não representa necessariamente um grupo ou uma comunidade; e que a sua terminologia preferida pode ser mesmo só sua.

Ajuda certamente à inclusão o foco nas pessoas, não suas características – género, orientação sexual, características físicas, religião, capacidades, origem geográfica, situação cívica (emigrante, refugiado, etc.), estatuto socioeconómico. Caso seja mesmo relevante mencionar características, continuamos a focar-nos na pessoa: “Uma criança com diagnóstico do espectro autista” em vez de “um autista”, “uma pessoa sem domicílio” ou “uma pessoa sem abrigo” em vez de “um sem-abrigo”. Atenção: por vezes, as pessoas – ou organizações – em causa podem preferir que o foco seja precisamente na característica: por exemplo, ativistas de associações de pacientes podem mesmo dizer: “Nós somos neurodivergentes!”

Em geral, é melhor ter cuidado com vocabulário clínico e de saúde (em particular, saúde mental) para não “medicalizar” pessoas e situações. Muitas vezes, usa-se este vocabulário indevidamente, sem rigor científico, “Hoje estou tão deprimido”; outras vezes, recorre-se a termos provenientes da saúde mental com sentido pejorativo (“Não sejas autista”). Tudo isto contribui para desvalorizar ou estigmatizar condições já de si complicadas. Mas são também de evitar expressões que denotem pena e condescendência relativamente a características físicas ou de saúde: (“a Luísa *sofre* de fibromialgia”), mas também que as glorifiquem (“O João é um guerreiro, está a *vencer* o cancro”): ambas minorizam e culpabilizam quem tiver menos – ou mais – dificuldades com a doença.

Também em geral é preferível usar descrições diretas das ações e dos papéis em causa; e ter especial cautela com humor, metáforas, expressões idiomáticas, jargão,

abreviaturas, que podem excluir quem não esteja por dentro do seu sentido e das suas matizes – por ser de outra terra, geração, cultura, formação ou crença – ou simplesmente por reproduzirem inocentemente estereótipos e preconceitos. Por exemplo, sobre papéis de género: “mãe solteira”, “ficar para tia”, “um homem não chora”, “maria rapaz”.

Outras expressões feitas podem evocar episódios traumáticos para outros grupos, preconceitos raciais, ou discriminação pura. Não é preciso pensar em termos claramente ofensivos, como “monhé”, “cabrito”, “chinoca”, basta considerar expressões que surgem naturalmente: “um olho no burro, outro no cigano”, “cor de pele”, “padrão/motivo étnico”, “mulato”, “África negra”.

Sem querer censurar formas de comunicação, há que ter cuidado com as generalizações – sobre populações, países, regiões, culturas –, mesmo que seja para elogiar: “Como bom africano, tem mesmo jeito para dançar!”, “A organização foi impecável, não fossem eles alemães”.

A linguagem inclusiva não é uma mera questão de palavras, mas também de formas de comunicar associadas a narrativas, enredos, imagens. Quando escrevemos e ilustramos conteúdos criativos – por exemplo, fichas de atividades online, vinhetas, folhetos e livros, módulos e respetivas legendas, vídeos, etc. –, devemos representar diversas perspetivas e circunstâncias: géneros, origens, tipos físicos, orientação sexual, estrutura familiar, estatutos socioeconómicos, profissões. Devemos retratar tanta variedade de pessoas quanto possível, e retratá-las com a mesma dignidade e grau de participação na ação em causa.

Sempre que possível, é boa ideia recorrer a exemplos que recusem estereótipos: em vez de uma enfermeira, porque não um enfermeiro? Em vez de uma vivenda com jardim, porque não um bairro social? Em vez da família nuclear tradicional (mãe, pai, filho, filha), porque não um pai e várias crianças, ou dois pais, ou duas mães? Por alguma razão os conjuntos de emojis modernos têm tanta diversidade de personagens – nos seus tons de pele, idade, orientação sexual, composição familiar: são para serem usados, porque não excluem representações de várias realidades existentes! Também importa criar e mostrar cada vez mais exemplos a favor da inclusão: a imagem de um centro, Centro Ciência Viva, por exemplo, pode bem mostrar uma rampa de acesso a pessoas com mobilidade reduzida.

3.

Guia prático:

duas grandes

estratégias para

comunicação

mais inclusiva

Consideraremos aqui duas estratégias de linguagem inclusiva a usar conforme for mais adequado. São duas estratégias divergentes. Uma delas afirma que pode ser importante distinguir, ser específico; a outra pergunta: mas vale a pena particularizar? A primeira esforça-se por destacar características que acrescentam informação importante e exprimam reconhecimento da diversidade; a segunda, pelo contrário, procura omitir características que não acrescentam informação e podem ser usadas para discriminar.

Especificar as diferenças

Esta opção consiste em reconhecer e referir as identidades manifestas no que dizemos ou escrevemos. Trata-se de tornar explícito e visível o que, de outra forma, passaria despercebido, algo que acontece sobretudo com o género – e quase sempre com o género feminino. Especificando os géneros (ou outras características), revelamos mais intimidade, personalizamos a comunicação, aproximamo-nos das pessoas. Mas, ainda mais importante em comunicação de ciência, podemos aumentar a riqueza e o rigor da informação.

Na tradução portuguesa da obra de divulgação de ciência, *Como se transforma ar em pão*, do químico Nuno Maulide – não sabemos como está no original alemão –, recorre-se sistematicamente ao género masculino e ao termo “homem” como forma “neutra” (em vez de “ser humano”) para designar as pessoas envolvidas na história da Química, ou afetadas pelos fenómenos químicos. Por exemplo, “O aparecimento da doença é induzido no homem por parasitas (...)” (p. 99), ou “um adulto é composto por H₂O numa proporção de quase dois terços” (p. 67). Este falso neutro levanta problemas sérios: por exemplo, muitas doenças afetam diferentemente homens e mulheres; e sabemos que o corpo de uma mulher adulta é composta por água numa proporção mais perto dos 50% do que de dois terços.

Personalizar

Personalizar a mensagem é um bom princípio de comunicação, e é das formas mais simples de reconhecer a variedade do nosso público – se conhecemos o género das pessoas a quem nos dirigimos, ou das pessoas a quem nos referimos.

POR EXEMPLO

Cara colega (...)

Temos o prazer de a convidar (...)

O convite estende-se à sua filha.

Também não restam dúvidas: devemos usar pronomes ou substantivos assinalados com género quando fazemos citações diretas, títulos de obras, ou quando recorremos a outros materiais cuja autoria não é nossa.

Diversificar e singularizar

Mas em português, com géneros gramaticais tão marcados, pode ser necessária alguma ginástica para garantir simetria e inclusão – como usar a simultaneamente a forma feminina e a forma masculina de um termo.

É MELHOR

Pais e mães

Filhas e filhos, crianças

Professoras e professores

EM VEZ DE

Pais

Filhos

Professores

Trata-se de uma opção válida quando queremos deixar claramente todas as possibilidades em aberto, quando se quer explicitamente que ambos os géneros sejam visíveis.

POR EXEMPLO

Joana dirige uma equipa de três investigadores e duas investigadoras.

No concurso Engenharia na Escola podem participar alunas e alunos de todas as idades.

Estas opções são especialmente válidas quando sabemos que estão em causa preconceitos culturais que tendem a apagar a participação de um dos géneros. Pode dar-se mesmo o caso de nos referirmos propositadamente apenas a um dos géneros, se quisermos salientar um deles precisamente contra esses preconceitos.

POR EXEMPLO

A ação de formação contou com a presença de 15 enfermeiros [homens].

Os desafios das [mulheres] investigadoras no trabalho laboratorial (...)

Tem filhas? A Ciência Viva oferece uma série de recursos para despertar o interesse delas pelas áreas STEM.

Se queremos deixar claramente em aberto tantas possibilidades quanto possíveis sempre que nos dirigimos a alguém – por exemplo, em formulários ou mails coletivos, convites, etc. – devemos contar com as várias formas de identificação a nível de género, orientação sexual, estado civil, etc. Este cuidado pode implicar alterações subtis:

É MELHOR

António Andrade e acompanhante

EM VEZ DE

António Andrade e sua acompanhante

Uso de barras (e parênteses)

Para simplificar e poupar espaço, em formulários, emails coletivos, instruções, documentos administrativos em geral, podemos usar barras – o/a, a/o e respetivos plurais – em artigos, terminações de nomes e adjetivos. Se um nome for invariável entre os géneros, das duas uma: ou se omite o artigo, ou se a/o, um/uma, etc., assim:

O/a cientista

A/o paciente

As/os estudantes

Os/as utentes

A/o chefe de equipa

O/a presidente

Ou, se os nomes em causa variarem com o género:

A/o cidadã/o

O/a diretor/a

O/a médico/a

A/o funcionária/o

Convém, no entanto, não abusar do recurso a barras e reservá-lo para textos rápidos: em documentos mais elaborados, as barras são lixo visual, dificultam a leitura e podem criar ambiguidades.

Um Guia em Progresso



O que não se deve usar é parênteses – “o(a) vacinado(a)” – para fazer referência aos dois gêneros, embora possamos usá-los para marcar o plural – “a(s) vacinada(s)”. Pôr uma palavra entre parênteses é considerá-la menos importante do que o que está à volta. Em vez de parênteses, devemos ou recorrer às barras, ou dar a volta ao texto para neutralizar a expressão: neste caso, em vez de “Já foi vacinado(a)?” ficaria muito melhor: “Já se vacinou?”

Fórmulas de tratamento



Em alguns eventos internacionais de comunicação de ciência é cada vez mais usual convidar-se as próprias pessoas a anunciar como pretendem ser tratadas: género masculino, feminino, outro, nenhum? Que pronome preferem? (Em inglês, esta abertura traduz-se por exemplo na preferência declarada pelo pronome “they” em vez de “he” ou “she”,

mas esta solução não tem correspondência em português.) Como neste exemplo da conferência do ECSITE 2021, as pessoas descrevem ainda outros traços importantes para as identificar, nomeadamente junto de quem por alguma razão não as possa ver: cor da pele, do cabelo, dos olhos, idade, estatura, estilo, etc.

Quando nos referimos ou dirigimos a indivíduos específicos, devemos usar formas de tratamento e pronomes de acordo com a sua identidade de género, que em última instância é definida por eles próprios. Na dúvida, e sendo possível, em vez de nos pormos a adivinhar devemos perguntar à pessoa a quem nos dirigimos como pretende ser tratada, ou procurar se já o definiu publicamente: por exemplo, em currículos ou biografias online, ou nas redes sociais (é cada vez mais comum nos perfis do Twitter, por exemplo). É também uma forma assegurar que usamos termos específicos relevantes ou explicitamente preferido pelas pessoas em causa – por exemplo, “é uma mulher transsexual”, em vez de “é uma mulher”, ou “é transsexual”.

De resto, pode ser boa ideia começar a apresentar a forma de tratamento que preferimos, e a nossa identidade de género, sobretudo em correspondência internacional. Isto reforça a ideia que não se trata de uma informação natural e neutra, mas sim o resultado de opções.

É fundamental ser consistente: tratar de igual forma mulheres e homens a quem nos dirigimos ou a quem nos referimos. Se usamos título, nome e apelido para uns ou umas, também devemos usar para outros e outras:

ASSIM

**Temos connosco o doutor João
Marques e a doutora Adriana Galveias**

EM VEZ DE

**Temos connosco o doutor João
Marques e a doutora Adriana
Temos connosco o doutor João
Marques e a Adriana**

De igual modo, podemos salientar características relevantes para o contributo da pessoa para o contexto em causa; mas nunca salientar características que simplesmente a subordinem a outrem:

ASSIM

**Como diz a engenheira florestal
Adriana Galveias**

EM VEZ DE

**A mulher de Y (...)
A filha de Z (...)**

O reconhecimento de diversidade não se aplica apenas a questões de género, mesmo que seja válido o princípio geral: individualizar e personalizar quando for possível é uma boa base de comunicação. Assim, caso saibamos, e se for importante, devemos especificar a origem dos sujeitos em causa: chinês, japonês, coreano – em vez de “asiático” – e nunca pressupor a origem do interlocutor por quaisquer características físicas, culturais, religiosas ou outras.

Importa distinguir claramente as condições específicas da pessoa que se encontra nela, para não reforçar identidades traumatizantes, estigmatizantes: “Ahmed, que chegou da Síria como refugiado” em vez de “O refugiado Ahmed”. Neste sentido, termos como “pessoas de cor” ou “negro” devem ser evitados, a menos que estejamos a referir-nos a características atribuídas e destacadas, nomeadamente para discriminar.

É MELHOR

**Pessoas racializadas
Pessoas de origem africana, asiática,
e origem específica se possível...**

EM VEZ DE

**Negros, pessoas de cor
Africanos, asiáticos...**

Neutralizar

Esta opção consiste em usar linguagem que minimiza a identificação e distinção dos sujeitos a quem nos referimos ou a quem nos dirigimos. Tem sobretudo a ver com diferenças de género – mas não só – o que, no nosso contexto cultural, implica quase sempre escapar à utilização do género masculino como forma neutra e universal de tratamento ou referência.

A forma mais imediata de fazer isto é procurar termos de facto neutros, comuns para os dois géneros:

ASSIM

Humanidade, humanos, seres humanos, pessoas, indivíduos

As pessoas imigrantes, as populações imigrantes

Criança

A população jovem, as pessoas jovens, a juventude

A população idosa, as pessoas idosas

As pessoas/as partes interessadas

Docente

Estudante, discente

Cientista

Profissionais de saúde/de enfermagem; pessoal médico/de enfermagem

EM VEZ DE

Homem

Os imigrantes

Menino/a

Os jovens

Os idosos

Os interessados

Professor/a

Aluno/a

Investigador/a

Médicos/as, enfermeiros/as

Um Guia em Progresso

Muitas vezes, é necessário *não* usar artigos (o/a, um/uma, etc.) para neutralizar estes nomes:

É MELHOR

As candidaturas devem ser apresentadas *por* docentes da turma

EM VEZ DE

As candidaturas devem ser apresentadas *pelos* docentes da turma

Ou usar pronomes indefinidos ou invariáveis entre os dois géneros:

É MELHOR

**Quem se candidatar deve (...)
Se alguém se candidatar deve (...)**

EM VEZ DE

Os candidatos devem (...)

Outra vezes, a neutralidade pode ser assegurada alterando ou eliminando adjetivos:

É MELHOR

**É um projeto para estudantes da Europa
Cientistas de nomeada**

EM VEZ DE

**É um projeto para estudantes europeus
Cientistas conceituados**

Um Guia em Progresso

Dirigir-se diretamente à pessoa, em vez de a um “ele” ou “ela” genéricos é uma forma elegante e eficaz de neutralizar a linguagem, particularmente em instruções, pedidos ou convites:

É MELHOR

Registe-se e tenha acesso livre aos nossos recursos

EM VEZ DE

O utilizador registado terá acesso livre aos nossos recursos

Dar a volta às frases para neutralizar a comunicação já está de certa forma implícito em várias destas sugestões. Talvez seja uma alternativa mais trabalhosa, que exige mais palavras ou construções mais complicadas, termos menos comuns ou verbos na voz passiva. Mas também pode dar criatividade, ritmo e variedade ao texto:

É MELHOR

Natural de, Local de nascimento

Filiação

O Manifesto pela Ciência é subscrito por (...)

As inscrições fazem-se pelo email (...)

O regulamento deverá ser consultado em (...)

EM VEZ DE

Nascido em

Filho de

Os subscritores do Manifesto pela Ciência são (...)

Os participantes podem inscrever-se pelo email (...)

Os interessados deverão consultar o regulamento em...

